

RECORDES DE EMPREGO E ARRECADAÇÃO

POR ALICE DUARTE, DE CURITIBA (PR)

ATÉ MAIO, 1 MILHÃO DE EMPREGOS FORAM CRIADOS. MAIS QUE NO CONSUMO, ISSO TERÁ IMPACTOS NA ARRECADAÇÃO PARA O GOVERNO

Os postos de trabalho criados no Brasil entre janeiro e maio de 2008 ficaram bem acima das expectativas. Dados preliminares do Ministério do Trabalho indicam que 1 milhão de empregos formais surgiram nos primeiros cinco meses do ano, quase 30% mais que o resultado obtido no mesmo período do ano passado. Aproveitando o bom momento político com a divulgação desses números, o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, garantiu que o desemprego será reduzido dos atuais 8,7% para uma taxa de 8% até o fim do ano. “Entre 2003 e 2007, criamos 8 milhões de postos de trabalho e em 2008 o ritmo será ainda mais intenso”, afirmou o ministro à *Agência Estado*, acrescentando que o ano pode fechar com 1,8 milhão de novos empregos formais. Segundo ele, há dez anos, 60%



das pessoas que trabalhavam exerciam atividades sem registro em carteira. De acordo com os dados oficiais, a taxa caiu para 52%.

Hoje, o País já passa por um momento de expansão acelerada do consumo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), neste primeiro trimestre o consumo das famílias cresceu 6,6%. A geração de mais empregos formais, além de ser uma

INFLAÇÃO: PRESSÕES INTERNAS E EXTERNAS

A divulgação de novos índices que medem a inflação em vários setores da economia tem preocupado o governo e o mercado. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de maio ficou em 0,79%. Este resultado do IPCA, que é referência para as metas de inflação do governo e para a definição da taxa básica de juros da economia (Selic), é o mais alto apurado pelo IBGE desde maio de 1996. No acumulado dos últimos 12 meses o índice soma crescimento de 5,58%, próximo ao teto que o governo definiu para este ano, de 6,5%. Um ano atrás, a inflação anual estava na casa dos 3%. Com isso, o Comitê de Política

Monetária (Copom) optou por mais um aumento na taxa Selic, que, após ficar de setembro a março em 11,25% e ser elevada a 11,75% no último mês de abril, foi aumentada para 12,25% na reunião de junho, ficando 0,25 pontos maior que em junho de 2007.

A justificativa deste aumento se reforça diante de fatores como os recordes consecutivos nos preços do barril de petróleo e o crescimento de consumo em países como a China, que inflaciona as *commodities*. Segundo o professor do Provar, Nuno Fouto, o choque do petróleo tem um grande impacto sobre a inflação mundial por ser esta matéria-prima

a base da maior parte das cadeias produtivas. De acordo com ele, em curto prazo haverá duas forças reduzindo o consumo: a própria inflação e o aumento na taxa de juros. “O efeito da inflação no salário é a redução do poder de compra do consumidor. A taxa elevada de juros também impacta o consumo porque diminui a capacidade de endividamento. O lado perverso disso tudo é a redução de investimentos”, comenta Fouto. “O impacto do aumento dos juros é forte. O governo não tem outra maneira de frear o consumo. É doloroso, mas funciona”, diz o analista.

consequência deste mercado aquecido, também poderia, em tese, intensificar a demanda, chegando mesmo a pressionar ainda mais a inflação.

Mas, para o professor do Programa de Administração de Varejo (Provar) e diretor do Felisoni & Associados, Nuno

Fouto, o aumento dos empregos formais não deve trazer grandes reflexos no consumo. “O trabalhador que sai da informalidade para a formalidade geralmente perde renda. Não acredito que o aumento de empregos formais vai impactar no consumo, pois a renda em si não vai aumentar. Nisso, quem mais ganha é o governo em arrecadação de impostos”, diz Fouto, acrescentando que 60% da variação nos índices de consumo está associada ao aumento de renda da população, o que não corresponde, necessariamente, à geração de empregos formais.

Crescimento

O aumento no número dos empregos formais, de acordo com Fouto, foi uma resposta à expansão da produção industrial, que nos últimos 12 meses (até abril) foi de 6,95%, de acordo com o IBGE. “A indústria é onde há o maior número de empregos formais. A informalidade ainda se concentra mais fortemente no setor de serviços”, observa Fouto. Mas está ficando cada vez mais caro e arriscado operar empregos informais. “Por medo de processos trabalhistas, o empregador acaba tendo de oferecer salários maiores para convencer seu funcionário a ficar na informalidade”, explica.

Além da contratação na indústria, o aprimoramento da eficiência da máquina arrecadadora do governo federal também é apontado por Fouto como um dos fatores que se refletem na expansão do número de empregos formais. Este ano houve recorde de arrecadação de impostos, apesar da extinção da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). Segundo a Receita Federal, nos primeiros cinco meses do ano foram arrecadados R\$ 271,92 bilhões, uma alta de 11,13% sobre o mesmo período do ano passado. “Com a nota fiscal eletrônica obrigatória para alguns setores, desde abril, o governo vai melhorar o processo de controle fiscal, diminuindo a sonegação e aumentando a arrecadação”, prevê o professor do Provar.

Divulgação



Nuno Fouto, do Provar: “Empregos formais não terão fortes impactos”

INDÚSTRIA E COMÉRCIO CRECEM EM NÍVEIS IGUAIS EM ABRIL

Em abril de 2008 a produção industrial variou 0,2% frente ao mês anterior (descontados efeitos sazonais). Em relação a abril de 2007, a indústria registrou expansão de 10,1%. Com isso, o indicador acumulado para o primeiro quadrimestre do ano ficou em 7,3%. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física do IBGE. A produção da indústria do mobiliário cresceu 11,21% em abril em relação a abril de 2007. No quadrimestre, o setor teve aumento de 5,97%, na comparação com o mesmo período de 2007.

Já no mês de maio, com resultados divulgados no início de julho, a produção industrial recuou 0,5% frente ao mês anterior, na série com influências sazonais. Em relação a maio de 2007, o aumento foi de 2,4%. No período janeiro-maio o aumento foi de 6,2%. A indústria do mobiliário, por sua vez, registrou aumento de 4,5% no acumulado de janeiro a maio.

Varejo – O comércio varejista do País registrou em abril taxas de 0,2% no volume de vendas e de 0,6% na receita nominal, ambas variações em relação ao mês anterior (com ajuste sazonal). Os dados são da Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE. Em relação a abril de 2007, o volume de vendas no varejo cresceu 8,7% e a receita nominal 13,8%. No quadrimestre, respectivamente, os indicadores acumularam 11,0% e 15,8%. Esses resultados expressam uma certa estabilidade no ritmo de vendas em relação a março.

No item “móveis e eletrodomésticos”, o crescimento foi de 0,9% no volume de vendas e 0,4% na receita nominal em relação a março deste ano, de 27,8% e 22,1%, respectivamente, na comparação com abril de 2007, e de 19,8% e 14,9% no quadrimestre.

VOLUME DE VENDAS COMÉRCIO VAREJISTA

ATIVIDADE	Indicador mês/mês (*) %			Indicador mensal (2008/2007) %			Acumulado %	
	FEV.	MAR.	ABR.	FEV.	MAR.	ABR.	NO ANO	12 MESES
Comércio varejista	-0,8	1,5	0,2	12,8	11,0	8,7	11,0	10,3
Móveis e eletros	1,9	1,7	0,9	22,3	14,3	27,8	19,8	16,8

(*) Séries com ajuste sazonal

Fonte: Pesquisa Mensal de Comércio – abr. 2008 | IBGE jun. 2008